

como forma de gerar soluções e atitudes rápidas em prol de uma melhor gestão dos negócios. E não, o contrário.

Por isso, endereçar itens fundamentais do planejamento é tarefa para agora. E não como uma forma de criar pânico, mas sim de se prevenir. Independentemente do desenrolar da situação observada no ambiente econômico global. Não se pode ser pessimista, a ponto de gerar um conformismo conservador e perigoso na tomada de decisões. Ao mesmo tempo, é preciso sim, avaliar, como sempre, e nesse caso, ainda mais, os riscos de um planejamento com possíveis lacunas indesejadas.

Dessa forma, por exemplo, o administrador antenado com as questões de relevância internacional, precisa reavaliar os investimentos, verificar efetivamente como estão os gastos da empresa e, tomar sim, atitudes assertivas na redução de seus custos como precaução. Tudo isso, para manter-se saudável, independentemente de essa crise respingar fortemente nos mais diversos setores da economia brasileira, inclusive, no da saúde.

Internamente, tivemos aumento da carga tributária, penalizando principal-



mente aqueles que tomam crédito. Ou seja, encarecendo o financiamento de equipamentos, capital de giro e dos investimentos de maneira geral. O Brasil está na contramão global. Enquanto lá fora querem incentivar a economia e enviam até cheques para o consumidor gastar em detrimento das metas de inflação, aqui ocorre o inverso. O veneno deles é o nosso remédio. O Brasil se mostra querendo menos demanda, encarecendo o custo do dinheiro para produção. Em

contrapartida, os bancos seguem batendo recordes de retorno sobre seus investimentos.

Há quem defenda o fato de que se os EUA desaquecerem suas atividades mesmo que moderadamente, numa segunda onda, pode levar também a um desaquecimento das atividades da Ásia, principais fornecedores dos americanos e, por último, os emergentes, que são fornecedores de commodities, aí, inclui-se o Brasil. Por este motivo, haveria menor pressão inflacionária nos alimentos e petróleo. É assistir a nosso conservadorismo aniquilando nosso crescimento.

Afinal por que só se fala em China e Índia? Porque crescem ao redor de 10% ao ano. O Brasil se arrasta a míseros 3% ao ano. Ao alcançarmos o patamar de 5%, já pisamos no freio.

Por todas essas reflexões, invoco-os a conhecerem melhor seus negócios, produtos e serviços, estruturas de custo, lideranças, fornecedores e parceiros de maneira a inicialmente cortarem os desperdícios e num segundo momento, de maneira planejada, iniciarem controles progressivos de gerenciamento por objetivo lastreados na gestão orçamentária.